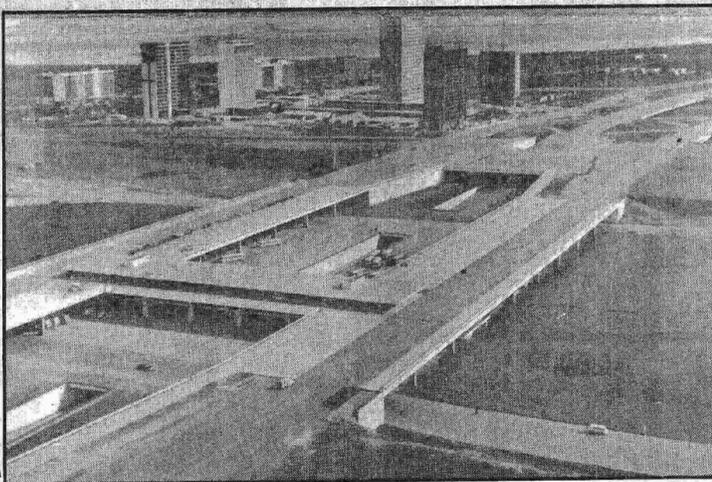
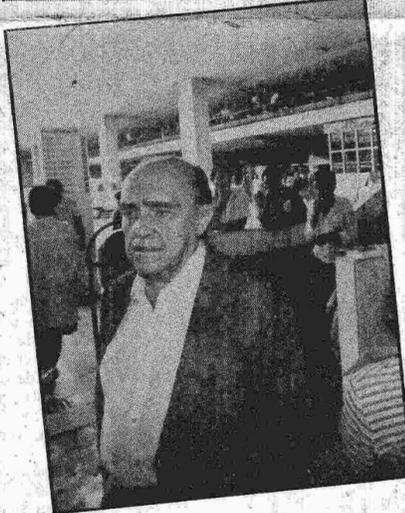
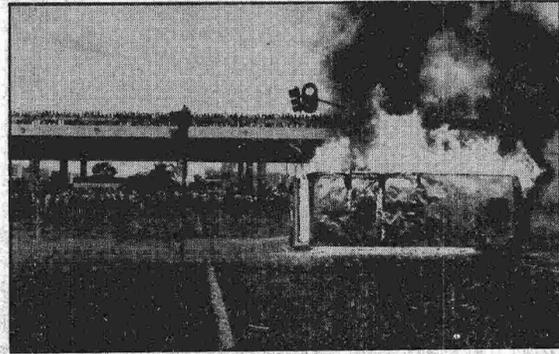
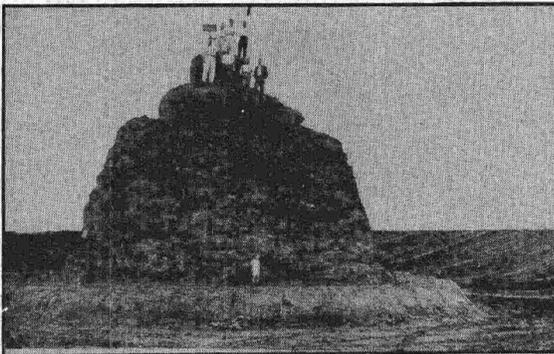


O palco da simples expressão popular

Valdo Cavalcante



Carlos Menendo



Rodoviária

Fundada a 12 de setembro de 1960, a Rodoviária de Brasília vem sofrendo no decorrer de todos estes anos, as transformações naturais junto com a cidade, sem deixar de lado, suas particularidades, sua rotina e até na função maior — tornou-se praça pública e em seu palco, todos têm seu lugar.

Wanderley Freire

uma encruzilhada vertente, à parte do mundo múltiplo da Rodoviária. O fotógrafo pioneiro, Valdir se diz cansado. Não quer mais conversas com curiosos e jornalistas sobre suas atividades de "lambe-lambe". Para ele, basta a grande confusão feita por estudantes da UnB, numa gravação de um curta-metragem, que lhe roubou tempo e em nada mudou sua condição de trabalho. Enquanto se recusa a mais um "nhen-nhem-nhem", Valdir tenta resistir a concorrência desleal de um cine-foto profissional, recentemente instalado ali que anuncia revelação de fotos em trinta minutos, tirando sua vantagem no ganha-pão.

O Centro de Atendimento ao Imigrante Carente, ligado à Fundação do Serviço Social do GDF, atende na Rodoviária, no antigo posto onde funcionava o Sistema Nacional de Emprego — Sine, os inúmeros imigrantes que chegam a Brasília, esperançosos de encontrar o eldorado onde jorra o leite e o mel. Muitos próximos à men-

Brejo da Cruz

Chico Buarque

Eletrizados/ cruzam os céus do Brasil/ na Rodoviária/ assumem formas mil/ uns vendem fumo/ tem uns que viram Jesus/ muito sanfoneiro/ cego tocando blues/ uns tem saudade/ e dançam maracatus/ uns atiram pedra/ outros passeiam nus/ mas há milhões destes seres/ que se desfarcam também/ que ninguém pergunta de onde esta gente vem/ são jardineiros/ guardas noturnos, casais/ são passageiros/ bombeiros e babás/já nem se lembram que existe um brejo da cruz/ que eram crianças/ e que comiam luz.

dicância, este Centro tenta facilitar o retorno destes imigrantes aos seus lugares de origem, quando não, os encaminhando para os albergues do Núcleo Bandeirante, Sobradinho e Ceilândia.

A mendicância que assola a Rodoviária vive às custas de uma inpotência governamental, que mesmo atendendo a 464 carentes no último mês, se faz invisível ante o grande número de carentes que a cada dia aumenta, e que não raro se instalam ali com suas crianças e apetrechos domésticos, num contínuo afronto à incapacidade dos que os marginalizam.

O Centro avisa que para este mês de dezembro já não tem recursos para continuar seus trabalhos e financiamento de passagens, restringindo suas funções ao encaminhamento dos imigrantes carentes aos albergues que os assistem.

Cultura

Sobrevivendo a toda imposição que a coloca à margem de toda expres-

são cultural, a Rodoviária consegue, sem nenhuma corrente burocrática, divulgar a expressão popular, extrapolando sua concepção conceitual arcaica de mero local de trânsito de passageiros.

Mesmo sem nenhum espaço específico que dê aos artistas brasileiros a oportunidade de maior sintonia com as massas populares, e seguramente com a maior divulgação de sua arte, a Rodoviária dá exemplos com a expressão de artistas que ali se alocam para colocar seus lamentos numa sanfona, sua vivência na literatura de cordel e no grito calado de suas existências.

Reynaldo Jardim, presidente da Fundação Cultural, reconhece estes valores intrínsecos à Rodoviária, e esporadicamente vem tentando injetar alguma atração cultural àquele espaço — como recentemente com a mostra fotográfica de profissionais da imprensa candanga. No entanto, reconhece as dificuldades para se estabelecer um ponto de atração cultural. Atualmente, com o Grande Circo Lar, se pretende estender como um braço a divulgação da cultura popular para este centro, criando um espaço seguro para a expressão candanga na extensão do público da Rodoviária.

Mas a Rodoviária não desiste, e insiste.

Vida noturna

A vida noturna e boêmia da Rodoviária começa cedo. Com picos e variáveis conforme o dia da semana, ou com acontecimentos da cidade, que de qualquer maneira acabam por influenciar na sua movimentação. De todo modo, a partir das quintas-feiras de cada semana, já se pode sentir as suas mutações, principalmente pela presença dos soldados que aproveitam os seus dias de folga e pelo maior número de carros que circulam a plataforma superior à espera de algum encontro marcado ou de alguma companhia a que sexo possa interessar.

Os códigos da paquera desenfreada são facilmente decifrados pelos seus habituais frequentadores, que vão desde a olhares insistentes, à perseguição do pretendido por suas escadas rolantes que conduzem a filas de ônibus prestes a sair, ou a um convite para uma conserva no carro estacionado, até uma melhor aproximação nos banheiros da Rodoviária.

Além disto, existe a distribuição geográfica que por natureza ou circunstância da imposição, determina o tipo de encontro que possa vir a acontecer. De tal maneira, acaso intromissão de desavisados, na plataforma superior da Rodoviária são esquematizados três campos de batalha, conforme assíduos frequentadores e trottoir: nas proximidades do Teatro Nacional, no estacionamento superior, ficam os que páram na Rodoviária na intenção da espera de algum ônibus ou na compra de um cigarro, e como aparentemente nada querem a mais, encontram com os seus parceiros soldados (conhecidos como recos), os quais tem o maior domínio deste campo.

Do lado esquerdo da rodoviária, no sentido de direção à Asa Sul, ficam os que caminham ou saem das boates do Conic, que procuram ali ter alguma companhia ou na maioria das vezes ganhar algum trocado, como também melhores chances para obter empregos e facilidades na cidade. Próximo ao Touring Club, em direção à Asa Norte, fica restrito aos encontros motorizados, cujos condutores não se arriscam a saírem dos veículos, podendo contar ainda com a maior proteção policial que se faz presente naquele local.

Aos domingos, principalmente, a agitação da rodoviária atinge sua maior intensidade, cedendo terreno aos inúmeros frequentadores que dali fazem o caminho para a feira de artesanato da Torre de Televisão, ou aos que tentam resgatar para o Plano Piloto, a praça interiorana de suas cidades de origem, no encontro de amigos e na procura de novos, fazem a incansável trilha de andar ao léu, ou maquinaismente de lá para cá.

No Restaurante Chapéu de Palha, tudo pode acontecer e acontece. Prostrados em suas cadeiras com vistas para o interior da Rodoviária, onde ônibus fazem suas manobras, casais começam seus fins de semana com os chamados «PF» (prato feito) da casa e entram noite adentro intercalando chopp com cachaça, ao som de um conjunto de música sertaneja ou de serestas. Segundo seu proprietário, Vicente de Paula, os incidentes são poucos, mas o que movimentam a moçada são bilhetinhos entre os conquistadores.

Mas se a noite revela um pouco mais do lado oculto da Rodoviária, ela desnuda por sua vez os homens que dela se ocupam. Que se encontram, enquanto fogem da solidão de uma cidade, desembocando na oportunidade de auto-conhecimento.

A noite corre, a insônia persegue. Quando tudo poderia traduzir num fim de noite e no calmo amanhecer de um novo dia, entram em cena os homens da limpeza da Rodoviária. Lavando e varrendo os restos do dia passado.

O dia se faz lentamente na Esplanada dos Ministérios. Alguém toma um café, outros embarcam nos primeiros ônibus da manhã.

Começam novos encontros e despedidas.

Recomeçar.